

Carnaval de mau gosto que apaga a memória

□ Está cada vez mais difícil achar um edifício residencial, construído por Niemeyer, preservado

Angélica Torres Lima

Tem gente que acha muito mais chique morar num prédio da SQS que ainda mantém sua arquitetura original dos anos 60 — leia-se decoração dos pilotis — do que num, da mesma época e na mesma Asa Sul, maquiado com mármore, granitos, vidros blindex fumê e sofisticções congêneres.

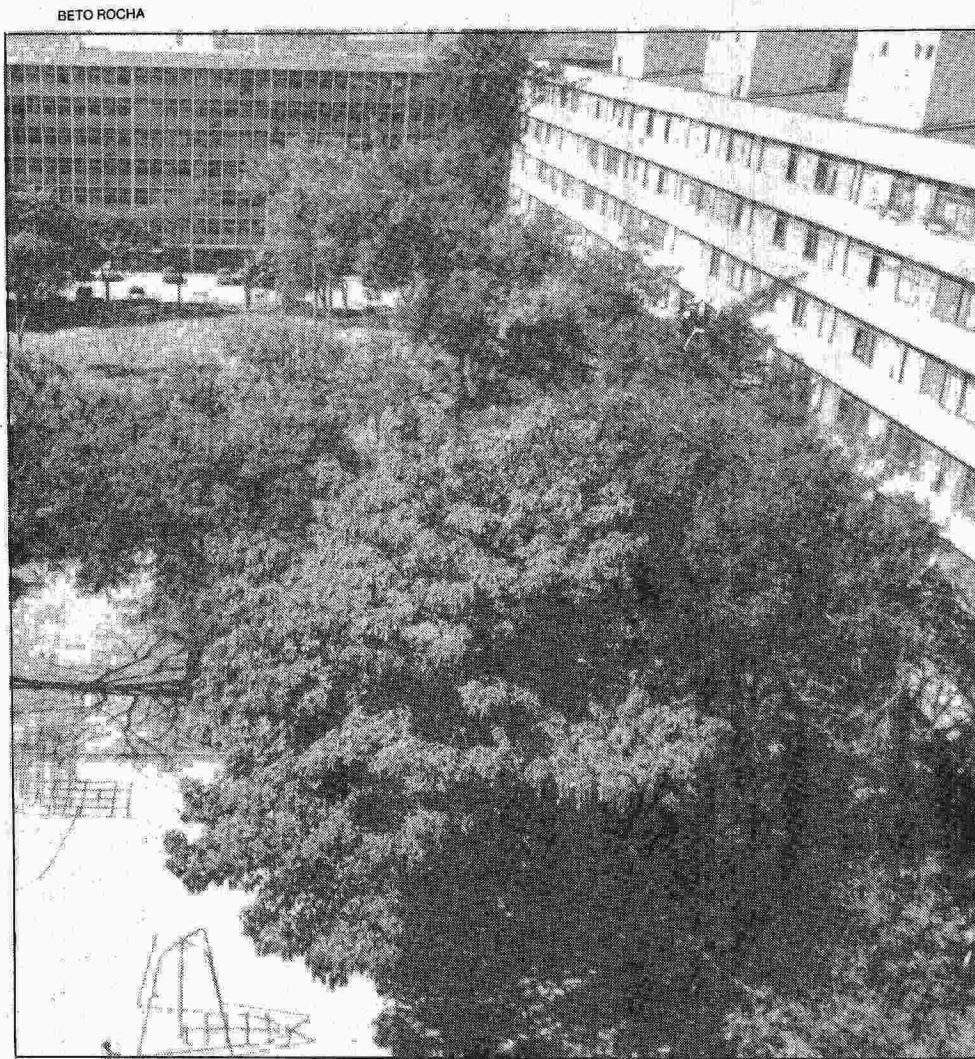
O motivo dessa preferência obedece a um conceito cultural e uma grife: os primeiros prédios construídos em Brasília hoje guardam — quando guardam — um pouco da história da arquitetura habitacional daquela que agora é *Patrimônio Cultural da Humanidade* e o autor de vários desses projetos é ninguém menos do que o arquiteto Oscar Niemeyer.

Mas a verdade é que são poucos os primeiros edifícios que ainda não foram modificados porque há muito mais gente que prefere o visual "nobre" desses materiais — quase sempre especificados por síndicos e um pequeno grupo de moradores que geralmente não são arquitetos nem decoradores por um simples motivo: a valorização comercial do imóvel, que obedece à linguagem arquitetônica moldada nos anos 80. Quando não, o desconhecimento total de que a autoria dos tais singelos edifícios é de Niemeyer, Hélio Uchoa, Marcelo Campelo e outros que compõem a cena histórica da construção da cidade.

Seis arquitetos ouvidos a respeito das interferências ocorridas nas primeiras superquadras construídas em Brasília, foram unânimes em taxar de mau gosto a escolha e o emprego dos materiais e, como profissionais atuantes de arquitetura e decoração, consideram um desrespeito a não consulta aos autores dos projetos. Sem exceção, eles justificam sua defesa com base na preservação da memória da construção da cidade e, ao mesmo tempo, entendem ser impossível conter tal manifestação popular que reflete a realidade da cultura nacional. Curiosamente, todos chegaram a uma mesma conclusão em sua análise: "reforma é coisa que sai da cabeça de síndico".

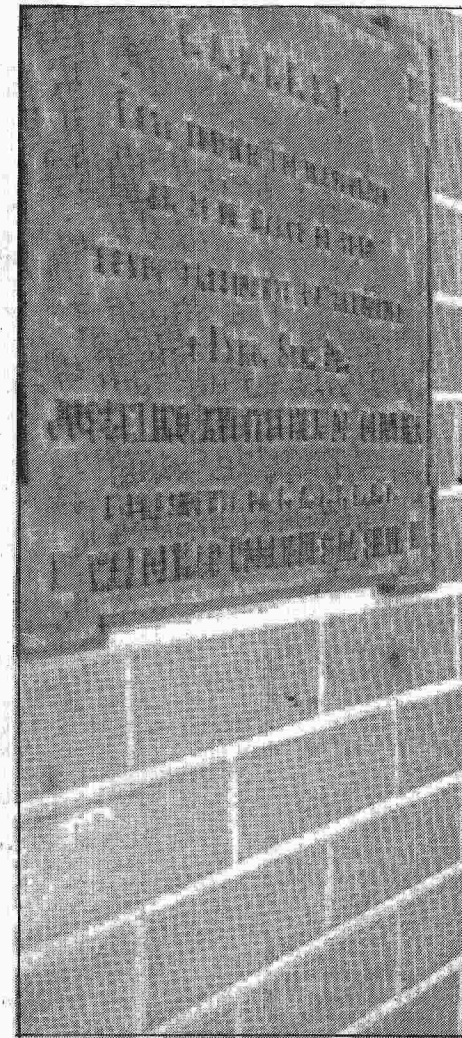
Críticas — O autor do desenvolvimento e detalhamento das obras do Itamarati e do Teatro Nacional, Milton Ramos, que assinou também há 15 anos os projetos de 40 prédios pré-moldados nas (SQS), 400, diz, ressentido, que nunca foi consultado sobre as desejadas reformas naquelas quadras, "onde mudaram até mesmo as esquadrias das fachadas".

Milton Ramos, arquiteto, há 30 anos e também autor do primeiro projeto de reforma do Cine Brasília, crítica a tendência do uso abusivo do mármore, alegando que os materiais têm que jogar com o equilíbrio de



ATENTADOS

Na 304 Sul não sobrou praticamente um edifício pra contar a história. Só resta a placa, por enquanto



funções. "Mármore entra em palácios, monumentos, residências, entra até como um conjunto, mas empregado por quem não entende do assunto não vai valorizar o imóvel de uma SQS, porque é o mesmo que andar com blusa de paetês e sandálias havaianas".

Também a arquiteta e decoradora Lúcia Elaine Machado, diz que não se recorda de, em 15 anos de profissão, ter sido chamada para fazer um Hall de edifício. "Preservaria o máximo possível um prédio do início de Brasília, se não estivesse degenerado, porque eles têm cara dos anos 60", afirma ela. "Mármore é retomada do estilo clássico e está certo que é perene, mas hoje é modismo. Será que não vão querer trocar um dia só porque terá caído de moda?"

A arquiteta Wilma Fonseca, proprietária da Base Consultoria e projetos de Engenharia e Arquitetura lembra que nos anos 60, a maioria dos blocos levava marmorite no piso e granitina ou pastilhas e tijolinhos nos pilares e entradas de elevadores. Tocar nesse assunto, segundo ela, é "mexer em casa de marimbondo, porque o pessoal acha lindo misturar mármore com materiais modernos". Wilma que já prestou serviços ao De-

partamento de Urbanismo do GDF, acha que o código de edificações tem ferido muito a arquitetura original da cidade, porque a Secretaria de Viação e Obras faz gabaritos de construção sem se preocupar com o que existia antes.

Reação em Cadeia — O diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do GDF, Silvio Cavalcanti, chama atenção para um processo de reação em cadeia que ele observa em Brasília desde garoto. Os síndicos e moradores segundo ele, vão copiando a decoração usada por seu vizinho de quadra e as tendências vão surgindo: primeiro usaram os pilares pintados de preto; depois chegou a vez do azulejo e depois o mármore combinado com enfeites modernos. Para evitar esse carnaval, que ele considera de mau gosto em relação à arquitetura dos anos 60, era preciso que os moradores solicitassem um tombamento específico do prédio, como foi feito com a Igreja e a esola classe da 308 Sul.

A diretora da SPHAN Pró-Memória para a região Centro-Oeste, Vera Bossi, alerta para a questão do valor das quadras antigas não ser julgado segundo indicadores do tipo ideologia de qualidade habitacional. Os prédios antigos

obedeciam à filosofia de trabalho de Niemeyer, que se baseava em oferecer conforto e amplos espaços, hoje reduzidos pela especulação imobiliária. "Os antigos não têm cobertura, churrasqueira, piscina, suíte, garagem, salão de festas, mas são bem mais espaçosos que os novos da Asa Norte. E o fundamental é esquecido: as quadras da Norte praticamente não têm escolas".

Já a arquiteta-chefe da divisão de projetos da Imobiliária Paulo Octávio, Clarisse Ramalho, lembra que morar é um ato dinâmico e que os projetos não costumam atender todas as exigências dos moradores. Salão de festas, bicicletários, guaritas para zeladores são itens necessários para dar maior conforto aos moradores das quadras antigas, segundo ela. "Mas, no momento de reforma devia haver uma consulta a um profissional da área que tem visão de conjunto, porque a mistura que está aí é horrível". Clarisse explica que a linguagem arquitetônica de hoje é a do pós-moderno, o excesso de ornamento, enquanto na década de 60 a tônica era o despojamento. Ela se posiciona a favor das reformas, mas em relação às linguagens se diz preciosa porque "o histórico devia ser respeitado".